

TEOLOGIA EM REVISTA

O PENTECOSTALISMO NA HISTÓRIA
DA IGREJA: DE JERUSALÉM À AZUSA

Matheus Linnekan de Sousa Nascimento



FAESP
FACULDADE EVANGÉLICA DE SÃO PAULO

O PENTECOSTALISMO NA HISTÓRIA DA IGREJA: DE JERUSALÉM À AZUSA

Matheus Linnekan de Sousa Nascimento¹¹

RESUMO

Uma história cronológica do pentecostalismo perpassa pela pesquisa das suas origens, seu desenvolvimento até a contemporaneidade. Para isso, utilizar-se-á do conceito de pentecostalidade, que se define pelas características da igreja primitiva, nascida no dia de pentecostes. A partir dessas similaridades, analisaremos movimentos cristãos que apareceram como comunidades independentes da igreja institucional, mas portadoras das características pentecostais durante a história. A hipótese de uma história da igreja distintamente pentecostal é baseada no testemunho de cristãos que relataram a mesma experiência sobrenatural descrita na narrativa bíblica neotestamentária. Portanto, o pentecostalismo será abordado como um fenômeno religioso histórico, enraizado na experiência bíblica e não limitado a um único tempo, mas progressivo e consistente desde o acontecimento inaugural em Jerusalém, até o reconhecimento oficial na Rua Azusa.

Palavras-chave: História da Igreja. Cristianismo primitivo. Fenômenos religiosos. Pentecostalismo.

Abstract

A chronological history of Pentecostalism permeates the research of its origins, its development until contemporaneity. For this, the concept of Pentecostalism will be used, which is defined by the characteristics of the early church, born on the day of Pentecost. Based on these similarities, we will analyze Christian movements that appeared as communities independent of the institutional church, but bearing Pentecostal characteristics throughout history. The hypothesis of a distinctly Pentecostal church history is based on the testimony of Christians who reported the same supernatural experience described in the New Testament biblical narrative. Therefore, Pentecostalism will be approached as a historical religious phenomenon, rooted in biblical

¹¹ Bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). Especialista em Filosofia pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI). Mestrando em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória (FUV) sob orientação do prof. Dr. Kenner Terra. Pesquisado de Hermenêutica Pentecostal e participante do grupo de pesquisa Metodologias em Linguagens da Religião. Membro da Assembleia de Deus em Caratinga-MG. Professor no Bacharel em Teologia do Instituto Teológico Missionário Ômega. Email: linnekan@hotmail.com

experience and not limited to a single time, but progressive and consistent from the inaugural event in Jerusalem to official recognition in Azusa Street.

Keywords: Church History. Early Christianity. Religious Phenomena. Pentecostalism.

INTRODUÇÃO

A autenticidade histórica do movimento pentecostal tem sido bombardeada ultimamente por diversas acusações da ala reformada do protestantismo, não parte de todos, mas de alguns, que são chamados de anti-pentecostais. As acusações contra o pentecostalismo se manifestam em todas as áreas, questionam sua veracidade, zombam da sua liturgia, caçoam da sua cultura, acusam de sensacionalistas, menosprezando a sua origem e o seu desenvolvimento na história.

O pentecostalismo compõe a maior porcentagem da outra ala protestante. O movimento pentecostal eclodiu com a propagação da mensagem do “batismo no Espírito Santo”, doutrina continuísta, que ensina o revestimento de poder sobrenatural, vindo do céu como uma experiência distinta da conversão. Esse batismo, seria a porta de entrada, para os cristãos terem acesso aos demais dons espirituais narrados nos textos bíblicos. Ou seja, os pentecostais, são cristãos que acreditam na atualidade carismática do Espírito e na possibilidade de vivenciar a experiência ocorrida em Atos 2, no dia de Pentecostes. Por isso o termo: pentecostais.

Na tentativa de consolidar as raízes históricas do Pentecostalismo, este artigo analisa movimentos que surgiram no decorrer da história com as mesmas características peculiares que possui o atual movimento pentecostal. Apresentamos em proposta de texto narrativo e cronológico, a conexão e a comparação da igreja primitiva dos apóstolos com a semelhança de vários fenômenos religiosos que foram surgindo ao longo da história cristã e as suas compatibilidades com o pentecostalismo contemporâneo.

1. O início de uma história pentecostal

Entende-se por pentecostal todo cristão que acredita nas palavras de Jesus: “Estes sinais não de acompanhar aqueles que creem: em meu nome, expelirão demônios; falarão novas línguas [...] se impuserem as mãos sobre os enfermos, eles ficarão curados” (Marcos 16: 17-18). A fé pentecostal, é uma vertente do cristianismo protestante que acredita na contemporaneidade dos dons espirituais descritos em Romanos 12, 1 Coríntios 12 e 14 e Efésios 4, além de toda literalidade de relatos milagrosos e sobrenaturais descritos na Bíblia com a possibilidade de experiência para a atualidade. Para uma definição mais técnica do significado do ‘ser pentecostal’, o teólogo pentecostal Robert Menzies define da seguinte forma:

Todo cristão que crê que o livro de Atos fornece um modelo para a igreja contemporânea e, nesta base, incentiva todos os crentes a experimentar o batismo no Espírito (Atos 2: 4),

entendido como capacitação para a missão, distinto da regeneração, que é marcado por falar em línguas, e afirma que “sinais e maravilhas”, inclusive todos os dons mencionados em I Coríntios 12: 8- 10 devem caracterizar a vida da igreja hoje (MENZIES, 2016. p. 16).

Dadas as informações, a pergunta que ressoa é: qual a origem desse fenômeno, de onde vem esse movimento cristão tão popular, a ponto de Philip Jenkins classificá-lo como “o movimento social de maior sucesso do século passado” (JENKINS, 2003, p. 8)?

O que todo mundo sabe, historicamente, é que o termo *pentecostal* está ligado sociologicamente à explosão de avivamentos que aconteceram nos Estados Unidos no final do século XIX e início do século XX. Os pioneiros desse movimento nos Estados Unidos, Charles Fox Parham e William Joseph Seymour, lideraram o avivamento nas cidades de Topeka (Kansas) em 1901 e Los Angeles (Califórnia) em 1906 (MENZIES, 2016. p. 13,14). Dois líderes, duas escolas bíblicas, Parham e Seymour ensinavam a seus alunos a doutrina do batismo com Espírito Santo, como experiência subsequente, distinta da obra da Salvação, como uma segunda obra do Espírito, capacitadora à vocação de testemunhar, baseado na experiência bíblica de Atos dos Apóstolos, capítulo 2:

E, cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos concordemente no mesmo lugar; e de repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas. Conforme o Espírito lhes concedia que falassem. (ATOS 2: 1-4).

Por causa dos ensinamentos das escolas de Parham e Seymour, conjuntamente com os acontecimentos similares ao evento bíblico no dia de Pentecostes, esse grupo promotor do avivamento do século XX foi caracterizado com esta nomenclatura *pentecostal*, por darem ênfase à experiência de Pentecostes, ainda disponível para experimento individual de cada crente nos dias de hoje. Ligando as características, me leva a pensar: será que a origem da história dos pentecostais é simplesmente do século passado? Se ser pentecostal é ser um crente e praticante dos atos ocorridos nos tempos apostólicos, será que esses acontecimentos só ressurgiram no século XX e ficaram cerca de 2000 anos inativos ou inessíveis à cristãos de outras épocas?

Existe uma vertente teológica moderna/racionalista adepta da ideia de que os dons miraculosos, os sinais e maravilhas prescritos nas Sagradas Escrituras não são para os dias atuais. Essa linha teológica é mais adepta da ala reformada da cristandade, que opta pela visão cessacionista de Agostinho, que desde o século V, já percebia a inoperância dos dons em seu tempo. Assim então,

Santo Agostinho, passa a ser conhecido como o “pai da Teoria Cessação”¹² por ter sido o primeiro a escrever relatos sobre a escassez dos *carismas*. Após a propagação da mensagem cessacionista, justamente por essa falta de crença nos dons espirituais, o movimento decorrente da experiência do dia de Pentecostes foi marginalizado na história, por um longo período do Cristianismo que haveria de vir. Mas será que eles nunca existiram na história da igreja pós-apostólica? Será que os sinais eram limitados àquele tempo e tudo isso uma invenção contemporânea, o ensinamento de que podemos experimentar o movimento do Espírito Santo registrado em Atos capítulo 2? Jesus nos responde:

Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado. E estes sinais seguirão aos que crerem: Em meu nome expulsarão os demônios; falarão novas línguas; pegarão nas serpentes; e, se beberam alguma coisa mortífera, não lhes fará dano algum; e porão as mãos sobre os enfermos, e os sararão (MARCOS 16: 16-18).

Se Jesus está dizendo que a experiência sobrenatural do falar em línguas, expulsar demônios e fazer maravilhas está diretamente ligada ao ato de fé e que se alguém acreditar nesses sinais o acompanharão, eu não consigo interpretar essas palavras a um contexto, limitadas para um tempo determinado e que perderiam o efeito após esse cumprimento de propósito. Dentro disso, das duas é uma: ou Jesus mentiu em suas palavras, ou a ausência dos sinais é única e exclusiva responsabilidade da falta de fé daqueles que deveriam crer para que os milagres acontecessem.

O que todo mundo sabe, como de praxe, foi apresentado abreviadamente. Agora, o que nem todo mundo sabe é que a igreja cristã, a comunidade seguidora de Cristo, foi “inaugurada com a descida do Espírito Santo no dia de Pentecostes” (INTERSABERES, 2014, p. 233). Desde então, o Cristianismo se expandiu por todo mundo com a mensagem de Jesus confirmada e potencializada com demonstrações de poder, prodígios e sinais. Sobre o desenvolvimento da Igreja Cristã que acabara de nascer, Hyatt escreve:

A igreja do primeiro século era uma igreja carismática. Lucas, que gravou sua história no livro de Atos, incluiu nele fielmente a abundância de fenômenos sobrenaturais que retrataram sua vida e seu ministério. Línguas, profecias, curas e milagres – e todos os outros carismas – eram comuns e até mesmo tidos como norma (Atos 1: 8; 10: 19; 13: 2); (HYATT, 2018, p. 20).

¹² Esse título é atribuído por Eddie Hyatt em sua obra “*2000 Anos de Cristianismo Carismático: um olhar do século 21 na história da igreja a partir de uma perspectiva carismático-pentecostal*”, que relaciona Agostinho como autor da doutrina do Cessacionismo, que se define pela visão cristã na qual se formula que parte dos chamados dons do Espírito Santo, apesar de terem sido de fundamental utilidade e importância nos primórdios da igreja cristã, cessaram de existir ainda no período da Igreja Primitiva.

A igreja primitiva enfatizava os carismas do Espírito como necessidade vital para a edificação e expansão da comunidade. Aliás, a palavra carisma tem sua origem na palavra grega *charisma*, termo neotestamentário para definir os dons espirituais. Carisma é o radical da palavra carismático, que significa originalmente, aquele que acredita, possui ou pratica os carismas de Deus. Que sinonimamente, no senso comum, hoje é caracterizado como pentecostal.

Após o nascimento da Igreja no Pentecostes, a igreja primitiva cumpriu com êxito a sua missão, a mensagem de Cristo foi propagada com o poder do Espírito e, conseqüentemente, muitos novos adeptos da fé agora faziam parte desse novo movimento promissor. Os apóstolos de Cristo foram-se todos no primeiro século da Era Cristã e a liderança da igreja, agora com pouco mais de 100 anos, estava nas mãos de seus sucessores. O Cristianismo entra no período da Patrística, assim conhecido filosoficamente, e teologicamente como período dos Pais da Igreja (séc. II ao V), que eram discípulos sucessores que tiveram contato direto com os apóstolos e sua mensagem.

Durante esse período, alguns líderes da igreja naquele tempo se destacaram. Dentre eles, homens como Justino Mártir (100-165 d.C.), que em seu Diálogo com Trifão nos relata algumas das experiências sobrenaturais que observara presente dentro da igreja de sua época: “Pois os dons proféticos permanecem conosco até o dia de hoje. [...] Agora ainda é possível ver entre nós homens e mulheres que possuem os dons do Espírito de Deus” (ROBERTS; DONALDSON, 1874, p. 243). Isso em pleno segundo século da Era Cristã, logo após o período Apostólico, Justino Mártir não nos mostra nenhum indício sobre a cessação dos carismas e da experiência pentecostal, muito pelo contrário, nos deixa registrado que era frequente e comum a manifestação do Espírito de Deus entre eles.

No terceiro século, continuamos com os relatos de líderes do cristianismo primitivo conhecidos por toda cristandade como Irineu de Lyon (125-200 d.C.), Novaciano (210-280 d.C.), Cipriano (195-258 d.C.) e Tertuliano, talvez o mais famoso deles, considerado o “principal apologista” da Era dos Pais da Igreja (RENNER, 2015, p. 50). Sobre o testemunho relatado de Tertuliano acerca dos dons em sua época, Hyatt escreveu:

Tertuliano demonstra, portanto, que no terceiro século os dons espirituais ainda eram comuns na igreja. Seu ponto de vista sobre a obra do Espírito Santo após o batismo é especialmente interessante sob a ótica do movimento pentecostal/carismático moderno, que também ensina que há um aumento de poder que se segue à conversão. Como outros de sua era, Tertuliano não fornece nenhum indício de que esses dons viessem a cessar. (HYATT, 2018, p. 26).

Ainda no século III, Orígenes (185-285 d.C.), outro ícone importante na história da Patrística, relata sobre a espiritualidade da igreja de sua época, como alguém que está surpreso com a sua realidade, quando afirma: “mas desde esses tempos os sinais têm diminuído” (ORIGEN, 1874, p. 614). Posteriormente, ele culpa a falta de santidade e pureza entre os cristãos de seu tempo como a causalidade da escassez dos carismas do Espírito de Deus.

O crescimento da igreja foi acontecendo de forma estrondosa, de tal modo que ficou quase impossível se manter em uma única unidade de pensamento a respeito da nova fé. Sobre a expansão numérica da igreja, o historiador Renner (2015, p. 62) relata que “com o passar do tempo, ela deixou de ser uma seita perseguida para se tornar uma instituição que buscou a hierarquização da liderança”. Com a aquisição de muitos adeptos, as pessoas que ingressavam na nova fé, traziam consigo uma cultura pré-cristã, eles eram compostos por seus costumes, seus traços, suas superstições. E isso foi aglomerando cada vez mais dentro de uma religião com pouco mais de 300 anos, que ainda não tinha suas bases formadas, seus alicerces sólidos e seu credo autêntico. Assim, era necessário um líder máximo que conduzisse esse povo no caminho da verdade e na doutrina dos apóstolos, para que evitasse o multiplicar das doutrinas, que fervilhavam dentro do seio da igreja, cada vez mais, na medida que o número crescia. A partir dessa necessidade, então começou a institucionalização da Igreja Cristã.

A institucionalização da igreja fez com que cargos, que anteriormente eram divinamente inspirados, passassem a ser almejados e desejados por interesse próprio e busca por status social. A indicação para tais cargos, passou a ser por indicação de líderes antigos, ao invés de serem diretamente pelo Espírito Santo. Com a assunção ao cargo por interesses próprios, logo a competição pelo lugar mais alto da hierarquia religiosa foi se corrompendo e através de seus interesses a liderança da igreja foi sendo seduzida cada vez mais pelo poder do Estado, do que pelo poder do Espírito Santo. O professor Ash Jr. (1976, p. 227), comentando sobre esse período de transição da Igreja diz que “praticamente todo historiador do cristianismo concorda que a institucionalização da igreja primitiva foi acompanhada pelo esmorecimento dos dons carismáticos”. Ou seja, o casamento entre a Igreja e o Estado assinou o divórcio entre a Igreja e Deus.

Com a corrupção da igreja e sua desmoralização, percebe-se que a manifestação do Espírito Santo tenha diminuído no meio dela e às vezes até se ausentado. Durante esse período de obscuridade, é provável que dentro do âmbito institucional, pouco se tenha visto ou ouvido falar sobre os carismas sobrenaturais. Mas isso não significa que o Espírito se calou, muito menos que os dons cessaram de manifestar na história.

Por volta do ano 172 d.C., o líder cristão Montano, embora tenha sido bispo por algum tempo, se abdicou da religião institucional e optou por vida de santidade e espiritualidade à parte. Montano e seus seguidores são conhecidos historicamente no cristianismo como montanistas, e esse montanismo se destacava por seu asceticismo e seu padrão de moral elevada, porque ele destacava “a importância do ministério sobrenatural do Espírito, insistindo que os cristãos conduzissem um estilo de vida moral mais estrito” (HYATT, 2018, p. 34). O adepto mais famoso do movimento montanista foi o Pai da Igreja, Tertuliano. Embora o movimento tenha recebido muitas críticas pela forma sobrenatural de agir, John Wesley, em 15 de agosto do ano de 1750, fez uma resenha em seu diário abordando o montanismo de maneira positiva, refutando muitas das acusações tradicionais:

Eu fui totalmente convencido do que eu já suspeitava: 1) Que os montanistas, no segundo e no terceiro séculos eram realmente cristãos bíblicos; que 2) O principal motivo pelo qual os dons desapareceram tão cedo não foi somente a perda rápida da fé e santidade, mas sim os homens excessivamente formais, ortodoxos e secos que começaram a ridicularizar todos os dons que eles mesmos não tinham e a censurá-los por serem todos ou loucura ou impostura. (CURNACK, 1938, p. 490).

Portanto, independente da imoralidade eclesiástica e da incredulidade institucional, o Espírito Santo nunca se tornou inoperante, mesmo em tempos obscuros na história da igreja onde a sequeidão e a corrupção tomaram conta. Podemos afirmar que os dons sobrenaturais do Espírito não cessaram. E na mesma linha de pensamento que Wesley, concluímos que o montanismo foi o primeiro renovo carismático dentro da Igreja e que ele quis trazer o avivamento a um “eclesiasticismo cada vez mais enrijecido” (HYATT, 2018, p. 36).

A rejeição da experiência pentecostal e do poder sobrenatural do Espírito Santo, aceleraram um processo que já estava caminhando para acontecer: o desaparecimento dos dons espirituais. A perda da espiritualidade foi se tornando uma realidade cada vez mais constante em troca de uma fé mecânica, ritualística e eclesiástica. Sobre esse período que perpassava a Igreja, Hyatt (2018, p. 37) diz que “o golpe final no aspecto carismático da Igreja viria com a conversão de Constantino e com a aquisição de poder e da fluência por parte da Igreja”.

2. O mover do espírito fora da instituição

Após a institucionalização da igreja e conseqüentemente a união ao Estado, entramos no período historicamente conhecido como Idade Média (600-1517 d.C.). A degradação moral da igreja e a vida de santidade que preservava tanto nos apóstolos, como seus sucessores, não existiam mais. A igreja institucional entra em um período teologicamente conhecido como Era das Trevas (500-

1300 d.C.), tempo de total escuridão e apostasia de todos os ensinamentos deixados pelos apóstolos e seguido pelos pais da igreja. Mesmo diante de todo esse cenário de trevas e escuridão, ainda encontramos na história, pequenos focos de luz, que por vez ou outra dissipava a escuridão daquele tempo, e em pequenas comunidades isoladas e separadas, pessoas se dedicavam a um estilo de vida na contramão do natural religioso da época.

Os monastérios, como eram conhecidos, formavam comunidades e centros de aprendizagem, liderados por monges cristãos que incentivavam uma vida de total devoção à Deus e à prática de estudos, oração e meditação. Surgindo historicamente por volta do ano de 320 d.C., seu líder mais conhecido foi Antão, ou Santo Antão para os históricos (251-356 d.C.). O monasticismo perdurou por toda era da Idade Média como movimento independente e autossuficiente. Durante o Período das Trevas, os Monastérios foram luz. O Cardeal Leon J. Suenes (1975, p. 38) está correto ao dizer que “em seu princípio, o monasticismo foi, de fato, um movimento carismático”. Os dons miraculosos do Espírito Santo que desapareceram da igreja institucional apareciam agora entre os monásticos. Muitos monges ganharam notoriedade pelo “poder de sua oração e por sua habilidade em produzir cura, libertação da opressão demoníaca e outros fenômenos milagrosos” (HYATT, 2018, p. 44). Definitivamente, um movimento carismático/pentecostal, com todas as características peculiares da Igreja Apostólica de Cristo, inaugurada no dia de Pentecostes.

O reaparecimento da experiência pentecostal não perdurou por muito tempo, os monastérios começaram a ganhar status e visibilidade. Como uma espécie de ciclo vicioso, o interesse próprio e a vaidade foram entrando novamente no estilo de vida casto e separado desta comunidade e, logo, esse movimento religioso também foi arruinado pelo declínio moral daqueles que se infiltravam com pensamentos e interesses corruptos. Mas, durante uma boa parte do período Medieval, o agir do Espírito Santo nesse tempo, estava único e exclusivamente ligado ao estilo de vida separado que viviam os monásticos. E sobre o estilo de vida monástico, Hyatt (2018, p. 52) conclui dizendo: “Na igreja apostólica, os *charismata* estavam disponíveis para que todos pudessem se beneficiar. Porém, na igreja medieval, os dons miraculosos se tornaram propriedade única daqueles santos místicos que se retiravam do mundo e da sociedade”.

Do sexto século ao décimo, a história se cala sobre a manifestação da experiência de Pentecostes no seio da igreja. Já no século XI, a igreja ganha um novo fôlego com a renovação monástica e o reaparecimento da espiritualidade genuína. Com novas histórias, novas ordens e novos líderes, o monasticismo do século XI se destaca pelo envolvimento dos pregadores religiosos no meio do povo, não isolados do mundo e da sociedade como o primeiro movimento, mas agora envolvidos diretamente com a sociedade, “pregando o evangelho na língua do povo e os ajudavam de diversas maneiras” (HYATT, 2018, p. 59).

Líderes famosos como São Domingos de Gusmão (1170-1221) e São Francisco de Assis (1181-1226), são responsáveis por promoverem a renovação carismática dentro do movimento monástico, pelo reaparecimento dos dons espirituais naquele tempo, que até então estavam dispersos, e pelo resgate da experiência de Pentecostes para o seio do ambiente religioso do século XI e século XII. Após a renovação do monasticismo do século XII, o Espírito Santo não ficou restrito somente a eles. Ainda no final do século, a história cristã relata sobre um novo grupo religioso, diferente dos monásticos que sobreviviam do suporte da Igreja Católica, eram conhecidos por *cátaros*. Os Cátaros, como eram chamados, significava puros, porque levavam um estilo mais separado, bem parecido com os montanistas do segundo ao quarto século e o movimento monástico de primeira instância, originário do século quarto até o sexto. Estes, desejavam abandonar qualquer relação e vínculo com a igreja medieval e dedicavam-se em viver uma vida totalmente separada e embasada nas Escrituras, certamente, este é o motivo dos Cátaros terem experimentado novamente os carismas do Espírito, e juntamente com isso, o renascer da experiência apostólica pentecostal.

Neander (1853, p. 591), historiador luterano do século XIX, tenta desvalidar o movimento dos Cátaros, dizendo que seus milagres eram “poderes escusos da natureza”. Porém Hyatt faz uma réplica à Neander e o conclui sua resposta em defesa dos cátaros:

Ele estava tentando explicar esses fenômenos usando o mecanismo da sua teologia cessacionista. A explicação mais lógica é a de que os cátaros adquiriram uma intimidade pessoal com o Espírito Santo e seus dons. Se for assim, eles devem ser considerados um movimento carismático genuíno. (HYATT, 2018, p. 65).

Logo após o período dos Cátaros, no final do século XII e início do XIII, surge um movimento de renovação, novamente dentro da Igreja Católica. Movido pelo desejo de ver igreja medieval seguindo os padrões do Novo Testamento, os Valdenses, nome derivado do líder do movimento Pedro Valdo (1140-1218), são conhecidos como predecessores da Reforma Protestante, se desvincularam da Igreja Católica por não aceitarem suas reivindicações e posteriormente foram fortemente perseguidos pela mesma. Os valdenses se tornaram um movimento independente, mais tarde, se identificaram com o movimento da Reforma Protestante no século XVI e é possível encontrar grupos existentes dos valdenses até os dias de hoje. Sobre a presença dos carismas nesse movimento, o Novo Dicionário Internacional da Igreja Cristã (DOUGLAS, 1974, p. 1026) atribui aos valdenses: “visões, profecias e possessões espirituais”. Embora hoje sua posição aos carismas não seja clara, eles foram, em seu princípio, um movimento carismático, possuidores da experiência de Pentecostes e praticantes dos dons do Espírito.

3. A volta às escrituras e a experiência bíblica pentecostal

Em 1517, Martinho Lutero é o nome do responsável por promover o movimento de maior marco na história do Cristianismo após a inauguração da Igreja no dia de Pentecostes. No dia 31 de outubro daquele ano, Lutero fixa suas noventa e cinco teses na porta da Igreja de Wittenberg na Alemanha, teses que propunham uma reforma e uma renovação na Igreja para que se voltasse aos padrões neotestamentários, algo bem semelhante à proposta dos valdenses, por isso são considerados precursores da reforma. O ato de Lutero, põe-se fim ao que chamamos de Era das Trevas, promove uma ruptura dentro da cristandade, onde se culmina em uma grande divisão entre a Igreja Católica Romana e Lutero, juntamente com seus seguidores. Dando início assim, à famosa Reforma Protestante.

A Reforma de Lutero, propunha para a Igreja uma volta aos padrões bíblicos do Novo Testamento. Consequentemente, com a volta às Escrituras, voltaram-se a cena os dons espirituais, elementos da experiência pentecostal neotestamentária. O professor luterano Bengt Hoffman (1976, p. 154), relata evidências em seu livro “Lutero e os místicos”, de que Lutero tenha vivenciado experiências de revelações e de arrebatamento, similar ao que Paulo descreve em 2 Coríntios capítulo 12 e os que acontecem em meio aos pentecostais nos dias de hoje. Sobre manifestação dos carismas sobrenaturais no período da Reforma e na vida de Lutero, Hyatt (2018, p. 72) registra:

Muitos dos primeiros seguidores de Lutero criam que ele fosse um profeta. Um dos seus primeiros biógrafos, Johann Mathesius, menciona várias profecias ditas por Lutero que foram cumpridas. Mathesius aponta: “Com muitas profecias corretas ele confirmou sua doutrina”. Lutero orou pela cura dos doentes: “Isso aconteceu várias vezes e ainda acontece: que os demônios são expulsos no nome de Cristo; e quando invocam Seu nome em oração, também são curados”.

A tradição Luterana permanece conosco nos dias de hoje e são uma forte vertente protestante no Cristianismo como um todo. O século XX testemunhou uma grande renovação espiritual entre os luteranos. O Centro Internacional de Renovação Luterana coordenou a Consulta Teológica Luterana, com 32 membros de diversos países. Essa Consulta produziu o livro “Bem-vindo, Espírito Santo: um estudo sobre a renovação carismática na Igreja” e demonstrou uma grande receptividade à dimensão carismática do Espírito Santo dentro do luteranismo contemporâneo. O teólogo alemão Souer (*apud* HYATT, 2018, p. 74), conclui descrevendo as características carismáticas de Lutero como “um profeta, um evangelista, alguém que falava em línguas e as interpretava, tudo em uma pessoa enriquecida com todos os dons do Espírito Santo”.

Contemporâneo de Lutero, sem sombra de dúvida, o movimento carismático de maior expressão durante a reforma foi o anabatismo. Iniciado em Zurique, na Suíça, por seu líder reformador Ulrico Zuínglio (1484-1531), o movimento anabatista tinha como objetivo o culto padrão neotestamentário e uma “preferência clara pela ordem carismática no culto” (HYATT, 2018, p. 77). O conceito de igreja-livre dos anabatistas viria a influenciar outros grandes movimentos posteriores ao seu, como os puritanos, os batistas e os quakers. Sobre os carismas presentes no movimento anabatista, o estudioso John H. Yoder (*apud* DAVIS, 1979, p. 221) conclui dizendo que “o pentecostalismo é, em nosso século, o paralelo mais próximo do que foram os anabatistas no século XVI”.

O século XVI se passou, a Reforma Protestante se expandiu por todo o velho continente Europeu. Ao chegar-se na Inglaterra, por volta do ano de 1650, um povo chamado *Quakers*, que significa tremedores, recebeu este título de maneira pejorativa por seus inimigos, que zombava-os de tremedores, porque ele tremiam diante a presença de Deus. George Fox foi o fundador do movimento Quaker, em seu diário, certa feita ele escreveu: “enquanto orávamos, o poder de Deus foi tão grande que a casa parecia tremer. Quando terminei, alguns professores disseram que foi como nos dias dos apóstolos, quando a casa onde eles estavam tremia” (JONES, 1919, p. 82). Evidência semelhante aconteceu com o movimento dos quakers que experimentaram um fato ocorrido no dia de Pentecostes. Experiência pentecostal e os carismas do Espírito faziam parte do cotidiano desse impressionante grupo cristão do século XVII.

Ainda no século XVII, agora no país da Alemanha, especificamente no ano de 1666, surgia o Pietismo, que criticava fortemente o formalismo luterano e contrapunha os seguintes objetivos ao estilo de vida dos seguidores de Lutero:

Lutar contra a imoralidade e o egoísmo entre os leigos, exigir dos pastores uma verdadeira experiência religiosa e não somente uma biblioteca; esforçar-se para dar ao povo uma mensagem necessária, destinada a edificar e a transformar a vida dos ouvintes, sem se preocupar se a pregação feriria ou não a conduta ímpia dos grandes que estivessem presentes; e finalmente, levar o povo à abstinência do teatro, da dança e dos jogos de toda espécie (ARAUJO, 2007, p. 234).

Em todos os encontros pietistas, era comum a manifestação dos carismas do Espírito, como as profecias e o falar em línguas. O movimento de avivamento pietista não ficou restrito somente à Alemanha, mas passou pela Holanda, pela Inglaterra e pela Índia, entre outros países. Dando continuidade à ramificação, que posteriormente, desenvolveria o pentecostalismo do século XX.

Outro movimento carismático, ainda no século XVII, foi o avivamento dos moravianos, que pouco tempo depois, despertaria a chamada e a vocação de John Wesley e todo o movimento metodista. E este Metodismo, superaria largamente, o avivamento moraviano. A Igreja Morávia tem suas origens no pré-reformador João Huss (1373-1415), aquele mesmo que profetizara o aparecimento de Lutero para promover o retorno à verdade.

O escritor Orlando Boyer, diz a respeito de Huss que no cárcere, sentenciado pelo papa a ser queimado vivo, João Huss disse: “Podem matar o ganso (em alemão, sua língua natal, huss é ganso), mas daqui a cem anos, Deus suscitará um cisne que não poderão queimar” (BOYER, 2006, p. 13). Profecia que se referia a Martinho Lutero, que devidamente, no futuro se cumpriu. Confirmando assim, a presença dos carismas naquele tempo, tanto no fundador da Igreja Morávia, como em todo movimento dos moravianos.

No século XVIII, surge o movimento de maior notoriedade e de maior influência do cristianismo carismático/pentecostal, o metodismo de John Wesley e Charles Wesley. Acerca da influência do avivamento metodista ao movimento pentecostal podemos afirmar:

Lutero enfatizava a justificação pela fé. Algum tempo depois, surgiu John Wesley (1703-1791), que pregava a santificação pela obra do Espírito Santo. Mais tarde, essa experiência de santificação ficou sendo conhecido como a “segunda obra da graça” ou o “batismo no Espírito”. Entretanto, no final do século XIX surgiu um novo entendimento a respeito do batismo com o Espírito Santo como sendo um revestimento de poder para evangelizar o mundo conforme profetizado nas Escrituras (Atos 1: 8) (INTERSABERES, 2014, p. 241).

O avivamento metodista impulsionava os cristãos a serem cheios do Espírito Santo, alegando existir uma segunda experiência após a conversão, a qual, os pentecostais chamam de batismo no Espírito Santo. Esse batismo é o revestimento de poder para propagar a mensagem do Evangelho por todo mundo, desde então a chama do movimento carismático começa a se espalhar através desses cristãos inflamados pela mesma experiência que vivenciou os apóstolos, no dia de Pentecostes.

Ainda no século XVIII, um pouco distante da Inglaterra, agora na América Colonial, o Grande Despertamento (1726-1750) viria para varrer toda imoralidade e declínio espiritual que imperava naquele tempo, sobre aquele lugar. Tendo como o líder mais conhecido do Grande Despertamento, a figura de Jonathan Edwards (1703-1758). O avivamento da América Colonial teve implicações de longo alcance, alguns relatos da Nova Inglaterra mostravam cerca de 30 a 50 mil convertidos e 150 novas igrejas naquele período. A respeito das características carismáticas do Grande Despertamento, as palavras de um opositor daquele avivamento falam por si só:

Esses encontros continuavam até 10, 11, 12 da noite; no meio deles, 10, 20, 30 e às vezes muitos mais iriam gritar ou bradar, ou exprimir gemidos de lamentação, enquanto outros exibiam grandes manifestações de alegria, batendo palmas, emitindo expressões extáticas, cantando salmos, convidando e exortando outros. (LOVEJOY, 1969, p. 77).

Embora Jonathan Edwards tivesse fortes convicções calvinistas, que segue a Teoria Cessacionista, os relatos deixam fortes evidências que os carismas do Espírito estavam presentes nesse avivamento e os cristãos que faziam parte desse movimento experimentaram, sem sombra de dúvida, o mesmo que os apóstolos no dia de Pentecostes, portanto, compartilharam da experiência pentecostal.

No apagar das luzes do século XVIII, os Estados Unidos voltam novamente à sua corrupção moral e declínio espiritual. No início do século XIX, acontece o que chamamos na história do cristianismo de O Segundo Grande Despertamento (1800-1840). Uma onda que varreu todo o território americano, produzindo vários focos de avivamentos por toda parte, como por exemplo: o avivamento na Costa Leste; o avivamento em Kentucky; o avivamento de Cane Ridge. Avivamentos que traziam um renovo carismático e um poder espiritual para as igrejas históricas institucionais.

Ainda no século XIX, surge dentro da Igreja Metodista, o movimento *holiness*, que Hyatt o define como:

Uma tentativa de recuperar o fervor religioso do século anterior e o ensinamento da segunda obra da graça na vida do cristão. Além disso, foi orquestrado um enorme esforço para recuperar a fé da igreja primitiva, e isso especificamente abriu as portas para que se manifestassem os dons milagrosos do Espírito (HYATT, 2018, p. 110).

Esse movimento, por fim, não ficou somente entre os âmbitos metodistas, mas se expandiu de forma renovadora por todas as denominações presentes nos Estados Unidos. Geralmente, povoado por pessoas que buscavam um estilo vida cristão com um padrão moral de alto nível, o movimento *holiness* trouxe de volta a realidade da experiência dos apóstolos no dia de Pentecostes. Embora, para aquele tempo, os cristãos não soubessem definir com palavras o que estavam vivenciando, os presbiterianos denominaram aquilo de “uma vida cristã mais sublime”, os batistas a chamavam de “o descanso da fé”, e às vezes todos eles “adotavam a terminologia pentecostal, chamando-a de “o batismo no Espírito Santo”.

Do interior desses movimentos, saíram verdadeiros homens avivalistas, que se destacaram pela liderança do avivamento que ocorrera através de suas vidas, por onde quer que passavam. Charles

Gandison Finney (1792-1872), foi um dos evangelistas mais bem-sucedidos dos tempos modernos, professor de Teologia Sistemática, e um dos principais responsáveis por adotar as técnicas do movimento *holiness* e conduzir o bastão da espiritualidade até o movimento pentecostal do século XX.

No final do século XIX e o início do século XX, as igrejas do movimento *holiness* enfatizavam “a conversão; a santificação; a cura divina; a volta de Jesus na Terra para inaugurar o milênio e o batismo com o Espírito Santo” (HENRIQUE, 2019). A partir de 1906, seguindo o movimento de Charles Fox Parham e William Seymour, explode-se o Avivamento da Rua Azusa, onde se enfatizava “a experiência do batismo com o Espírito Santo e os dons espirituais” (INTERSABERES, 2015, p. 105). Ali se iniciava oficialmente o Movimento Pentecostal, um novo movimento de renovo carismático e a mensagem de incentivo a vivenciar a experiência bíblica do dia de Pentecostes. Sobre o movimento pentecostal, o teólogo Donald Dayton (2018, p. 132) fez o seguinte registro:

Fish propôs “um retorno ao cenário dos dias apostólicos, especialmente àqueles do inesquecível Pentecostes”, perguntando: “Por que não podemos antecipar o retorno dos tempos Pentecostais”? Por que não podemos os cristãos de hoje ser cheios com o Espírito Santo, como aconteceu nos dias da Igreja Primitiva?

Após estas palavras, estava então batizado, historicamente, o avivamento da Rua Azusa, como início (que não era início) do movimento pentecostal, definido como um retorno da igreja cristã aos padrões de vida do Novo Testamento juntamente com a reafirmação da possibilidade de experimentar a experiência de Pentecostes. Movimento que teve início nos Estados Unidos, mas se propagou por todo o mundo, através de missionários capacitados sobrenaturalmente pelo poder do Espírito Santo ocorrido após a experiência pentecostal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da necessidade de busca histórica pelos registros primitivos, analisamos documentos e artigos resguardados e publicados do período remoto pós-bíblico e pós-apostólico, consideramos as críticas cessacionista quanto à autenticidade histórica a respeito do atual movimento pentecostal.

Caracterizando similaridades com o movimento primitivo da Igreja Cristã do primeiro século, os pentecostais se auto classificam (as vezes até de forma arrogante) como um movimento restauracionista do padrão bíblico neotestamentário. Não só como estilo de vida e forma de

conduta, mas também como professantes e estimuladores de todos os crentes a vivenciarem a experiência no Espírito que os apóstolos tiveram no dia de Pentecostes.

Separando as características pentecostais distintas dos outros movimentos cristãos, encontramos no decorrer da história, de maneira cronológica, movimentos carismáticos possuidores de características similares, que, ao lermos, nos traz a memória exatamente os fenômenos que acontecem dentro dos ambientes pentecostais contemporâneos.

Concluimos assim, a conexão histórica de todos os movimentos de características carismáticas na história da igreja, para que, através de uma linha do tempo, fazer uma defesa à historicidade autêntica do Pentecostalismo. Afirmarmos que, a pesquisa sobre a temática não se finda, mas que, foi dado a largada para que novos horizontes sobre a história venham a surgir, para que futuramente, possamos estar abordando sobre uma nova história da igreja, em uma perspectiva distintamente pentecostal.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Isael de. **Dicionário do Movimento Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

ASH JR, James L. *“The decline of ecstatic prophecy in the Early Church”*. *Theological Studies* 37, 1976.

BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BOYER, Orlando. **Heróis da fé: vinte homens extraordinários que incendiaram o mundo**. 32ª edição, Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

CURNACK, Nehemiah. *The journal of the Rev. John Wesley A.M.* London: Epworth, vol. 3, 1938.

DAVIS, Kenneth R. *“Anabaptism as a Charismatic Movement”*, 1979.

DAYTON, Donald. **Raízes teológicas do pentecostalismo**. 1ª edição, Natal: Editora Carisma, 2018.

DOUGLAS, James. D. *The new international dictionary of the Christian church*. Grand Rapids: Zondervan, 1974.

HENRIQUE, Samuel. **Origem histórica do movimento pentecostal**. 2019.

HOFFMAN, Bengt. *Luther and the mystics*. Minneapolis: Augsburg, 1976.

HYATT, Eddie L. **2000 Anos de Cristianismo Carismático: um olhar do século 21 na história da igreja a partir de uma perspectiva carismático-pentecostal**. Natal: Editora Carisma, 2018.

INTERSABERES. **Apontamentos sobre a história das igrejas cristãs e os livros proféticos da Bíblia**. 1ª edição, Curitiba: Editora InterSaberes, 2015.

INTERSABERES. **Teologia Sistemática**. 1ª edição, Curitiba: Editora InterSaberes, p. 233, 2014.

JENKINS, Philip. *The Next Christendom: The Coming of Global Christianity*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

JONES, Rufus M. *George Fox: an autobiography*. Philadelphia: Ferris and Leach, 1919.

LOVEJOY, David S. *Religious enthusiasm and the great awakening*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1969.

MATHESIUS, Johann. *Luther's leben in predigten*. Prague: herausgegeben von G. Loesche, 1906.

MENZIES, Robert. P. *Pentecostes: Essa história é a nossa história*. 1ª edição, Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

NEANDER, Augustus. *General history of Christian Chruch*. Boston: Crocker & Brewster, vol. 4, 1853.

ORIGEN. *Against Celsus*. The Ante-Nicene Christian Library, vol. 4, 1874.

RENNER, Roberto. L. *História da teologia*. 1ª edição, Curitiba: Editora InterSaberes, 2015.

ROBERTS, Alexander; DONALDSON, James. (ed.). *Justin Martyn: Dialogue With Trypho*. The Ante-Nicene Christian Library. Edinburgh: T & T Clark, vol. 1, 1874.

SUENENS. Leon Joseph Cardinal. *A new Pentecost?* Nova York: Seabury, 1975.